

# A formiguinha urbana e Deus Todo Poderoso

*Luiz Kohara*

Na minha corrida semanal,  
A cada tempo tenho discordâncias com o Deus Todo -poderoso  
Hoje, domingo, acordei sem saber das horas, leve e sem pressas  
Concordando como Deus foi magnífico,  
Ao anunciar, depois de criar todas as coisas, que no sétimo dia era preciso  
descansar.

Imagina o que seria deste mundo para os trabalhadores  
se Você não anunciasse que descansou no sétimo dia.

la perguntar o que fez no dia do seu descanso  
mas não é dia de perguntas.  
Deixa pra lá, hoje só vou descansar.

Espreguicei, estiquei o corpo relaxado, após respiros profundos, levantei.  
Fui para a cozinha tomar o cafezinho puro  
Um ânimo diário às células avisando que o dia vai começar  
É bom não ter pressa, sentado à mesa saboreei o delicioso amargo do café.

Pela porta de vidro pude observar os diferentes verdes das plantas do quintal  
Ainda mais bonitas com as gotículas do chuvisco que caía  
E com os coloridos de algumas flores.

A tranquilidade interior me trazia percepções que não aconteciam no dia a dia.  
Domingar me fazia bem, Deus, o Criador, tem sua razão  
Nisto tenho que concordar.

Enquanto o olhar experimentava uma paz interior, num ímpeto natural  
Minha mão direita foi sobre a mesa para esmagar uma formiguinha  
Minúscula, que só a vi porque minha miopia melhorou com a idade.  
Também, num impulso a mão se conteve.

Depois desta contenção, passei a observar a formiguinha  
Que corria rápido de um lado a outro, amedrontada  
Não sabia para onde ir, circulava, circulava perdida.

Porque eu ia matá-la?  
Tão frágil, tão perdida, sem nada e desarmada  
De dentro uma voz segura,  
Não sei se era minha ou uma gravação embutida, responde:  
Ela é ladra, ela é suja, traz más companhias, a existência dela é perigosa,  
nem a higienização da cidade conseguiu tirá-la da mesa de jantar e destruí-la.  
Neste momento, pude perceber que na serenidade e na paz muitos  
assassinatos acontecem, silenciosamente, naturalmente silenciados e  
consentidos aos errantes ou marcados no nascimento.  
A cada segundo elas morrem assassinadas.

O domingo pede mais do que não matar.  
É o dia de o Criador olhar e sentir a criação na sua totalidade.  
É o tempo do tempo de desvelar os consensos,  
Que são arbitrados sobre a vida e a morte.

Fiquei observando a formiguinha  
Percebi que tinha seis patinhas e apenas uma antena.  
Talvez, fosse a falta de uma antena  
O motivo para estar circulando e desorientada.

Já com olhos mais antenados  
A pouca distância da formiguinha perdida  
Na mesa, vi uma fileira bem organizada de formiguinhas.  
Que iam e vinham, umas carregavam grãos de açúcar e outras migalhas de pão.

Tinha muitas perguntas para as formiguinhas  
Para ter as respostas segui o longo caminho que elas percorriam.  
Caminho longo, cheio de barreiras e bem distante dos alimentos.  
Neste caminho, um grupo de dez formiguinhas carregava uma migalha maior de  
pão.  
Neste mesmo caminho, uma formiguinha carregava outra machucada.

As que vinham em busca dos alimentos  
E as que voltavam trocavam afagos com um beijo.  
Entravam com os alimentos no formigueiro  
E saíam rápido em busca de mais alimentos.

A minha visão foi se ampliando  
Assim percebi que trabalhavam como estivadoras  
Percorriam várias maratonas por dia para assegurar alimentos a todos,  
Sem distinção no formigueiro, antes que o inverno chegasse  
E as novas formiguinhas nascessem.

A minha concordância é que eu precisava caminhar  
Nos caminhos das formiguinhas para descobrir a essencialidade da criação.

O árduo trabalho solidário entre as formiguinhas não lhes dava o direito de  
viver  
Ainda mais aquelas que ousavam frequentar a sala de jantar dos urbanizados,  
A ultrapassar os limites estabelecidos na cidade.

O árduo trabalho solidário é do mundo das formiguinhas  
Imaginário pra nós, porque no nosso mundo real  
As formiguinhas, por decreto, são ladras, insignificantes e indesejáveis,  
É melhor que sejam invisíveis nas distantes periferias.

Outra voz que vem das formiguinhas pergunta  
A quem pertencem as migalhas?  
Onde vive quem produziu o açúcar e o pão?  
Como vive quem construiu a sala de jantar e a cidade?  
Quantos foram assassinados no higienismo urbano?  
Por que a solidariedade conjunta de todas para todas é um crime?

Sentindo-me ofegante e sem ar com as perguntas ingênuas e simples,  
Nada simples, em uma cidade estruturada e construída pelos poderosos  
criadores.

As perguntas tiraram a minha racionalidade da fé  
E trouxeram as dúvidas se o Deus era todo-poderoso e criador.  
A crença melhor seria para o Deus Estivador que carrega a comida  
E Deus Maratonista que percorre a imensidão da cidade.

Amanhã é segunda-feira.  
Eu preciso encontrar o Deus Todo-poderoso Criador.  
As vozes das formiguinhas precisam ecoar!  
É essencial dominar!

**Luiz Kohara**  
Engenheiro civil, assessor do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos,  
militante de movimentos sociais de luta e direito por moradia